

EDITORIAL

Iara Amaral é designer editorial.

Sarah Bauer é ilustradora. Publica seus trabalhos no endereço devaneiosdegaveta.wordpress.com.

Valquíria Luna é escritora amazonense, formada em Letras pela UEA.

Priscila Lira é escritora amazonense, também formada em Letras pela UEA. Valquíria e Priscila são amigas.

Yuri Campagnaro é formado em direito pela UFPR. Violonista, coordenador do Núcleo de Arte Cultura e Propaganda do Psol Curitiba 2013-2014. Publica seus trabalhos no endereço yuricampagnaro.blogspot.com.

Ricardo Pozzo é escritor e fotógrafo radicado em Curitiba.

Daniel Zanella é cronista. Cursa 8° período de Jornalismo na UP. Especialista no Passim do Qualquer Coisa. Marcos Monteiro é um homem prestes a estreitar laços continentais. Cursa 8° período de Jornalismo na UP, embora só apareça uma vez por mês nas aulas.



Capa de Outubro: João Paulo Melo Técnica: Nanquim Você não conseguirá dimensionar exatamente o que significa a um jornal literário ser feito de cinquenta em cinquenta reais.

Primeiramente, é importante restabelecer alguns princípios que nos norteiam: somos um impresso sem fins lucrativos. O que isto significa? Simples: confira nossas contas abaixo. Em caso de dúvida, entre em contato conosco. Enviamos os comprovantes, explicamos como um jornal - ser anacrônico por excelência - consegue se sustentar há mais de três anos. De cinquenta em cinquenta reais.

O RelevO almeja - e não é de hoje - ser uma plataforma para novas vozes literárias, atrair o que ainda não existe enquanto livro, projetar um recorte singular do que está entre blogs, sites, colunas e árvores. Ser conexão entre escritores, ideiais e leitores.

Para tanto, precisamos muito, muito mesmo, da compreensão de nossos colaboradores, que abrem mão de remuneração em prol de nosso jornal (não nos orgulhamos disso), dos anunciantes, que mês a mês investem, cientes de como é difícil captar recursos que não sejam estatais para projetos culturais, e, principalmente, dos assinantes, que, aos poucos, estão aumentando e fazendo acreditarmos que um dia vai ser possível ter um jornal plenamente sustentável, honesto e digno, em que possamos fazer as experiências artísticas mais surrealistas que imaginarmos, livres, diria Diaféria, como os vagabundos e os passarinhos.

Este tempo um dia vai chegar, o tempo em que todos estaremos envolvidos como se fossemos um organismo singular, excêntrico, com seu espaço cativo e atonal.

Este tempo é agora.

Uma boa leitura a todos.

PRESTAÇÃO DE CONTAS SETEMBRO DE 2013

ANUNCIANTES: ASSINANTES:

R\$ 200 (Exato) R\$ 50 (Daniel Osiecki)
R\$ 50 (FISK) R\$ 50 (Lis Claudia)
R\$ 50 (Marcio R. dos Santos) R\$ 50 (Priscila Lira)
R\$ 100 (Toda Letra) R\$ 50 (Wilson Nogueira)
R\$ 100 (Pão & Vinho) R\$ 50 (Glauber Vieira)

RS 50 (Água na Boca)

R\$ 50 (Avon) R\$ 250

R\$ 50 (Calceaki)

R\$ 800

R\$ 50 (Livrarias Joaquim)

R\$ 50 (Revista Jandique) Custos: R\$ 50 (Editora InVerso) Correio: R\$ 160

> Distribuição: R\$ 50 Papelaria: R\$ 30 Impressão: R\$ 800

Custo Total: R\$ 1040

Balanço: R\$ 10

Expediente

Fundado em Setembro de 2010

Editor: Daniel Zanella

Editor-Assistente: Ricardo Pozzo Revisão: Mateus Ribeirete Projeto gráfico: Iara Amaral Arte-Final: Marcos Monteiro Impressão: Gráfica Exceuni

Tiragem: 3000

Edição finalizada em: 30 de setembro

Contato

twitter.com/jornalrelevo Facebook: Jornal Relevo jornalrelevo@gmail.com Edições anteriores: issuu.com/jornalrelevo *Mateus Ribeirete* é psico-historiador e guru do autoconhecimento em 2700.

Alvaro Posselt é escritor, professor de Língua Portuguesa e revisor.

André Caliman nasceu em São Paulo (SP). É autor da série "Revolta!", publicada mensalmente no endereço revoltahq.blogspot.com.br. Trabalha com ilustração e quadrinhos e é professor da Gibiteca de Curitiba.

Daniel Osiecki é escritor e professor de literatura. Publica seus trabalhos no endereço novatavolaredonda.blogspot.com.

Luíz Horácio é escritor, professor de literatura, tradutor, roteirista. É natural de Quaraí (RS) e vive atualmente em Porto Alegre.

João Paulo Melo é licenceado em desenho pela Belas Artes. Atualmente ministra aulas de desenho e trabalha como ilustrador.

Guilherme Dorigo Capriglione é formado em Design Gráfico e pós-graduado em história em quadrinhos e ilustração.

Tâmara Abdulhamid é palestina e paulistana. Engenheira, com mestrado no ITA. Feita de ferro e de algumas flores. Escreve no letraseflores.com.

Emerson Persona é artista plástico. Publica seus trabalhos no endereço emersonpersona.com. Fernanda Anacleto cursa 1º período de jornalismo

na UP. **Darlene Dallarmi** é escritora e cantora. Publica seus trabalhos no endereço darlenedallarmi.com. **Julliana Bauer** é cronista. Publica seus trabalhos

no endereço devaneiosdegaveta.wordpress.com. *Jonathan Mendes Caris* é escritor e músico. Benett é cartunista.

Camillo José é professor e escritor recifense. cursa letras na Universidade Federal de Pernambuco.

Uljana Wolf é poeta, tradutora e editora alemã. Mora em Nova York.

Guilherme Gontijo Flores é escritor e tradutor. Publica seus trabalhos no endereço escamandro.wordpress.com.

João Dusi cursa 1º período de Jornalismo na UP. **Ágatha Santos** cursa 1º período de Jornalismo na UP.

Jair Barbosa é escritor e poeta mineiro.

Matheus Baz é escritor e cursa Comunicação Social na Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo.

Luiz Felipe Leprevost é escritor, músico, compositor e autor de diversos livros.

Fernanda Benini é indecisa, vegetariana e pequena, de olhos grandes e cabelos armados. Cursa Direito. Gosta de damascos e da Islândia.

Ronaldo Brito Roque é escritor carioca, formado em Letras. Publica no endereço estoriaspacatas. blogspot.com.

Rui Werneck de Capistrano é escritor, com diversos livros publicados.

Gloria Kirinus é escritora peruana, doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Mora em Curitiba e publica seus trabalhos no endereço gloriakirinus.com.br.



Emerson Persona

FRAN

Fran tem dezenove anos.

É certamente a mulher mais linda que eu já vi nua. Nasceu em Curitiba. Aos treze anos mudou-se para o Rio. No ano seguinte casou. Separou aos dezesseis. Desde então, é prostituta.

Fran é mulher alta, quase 1,80, cabelos castanhos com mechas loiras, seios pequenos, uma tatuagem incrível no quadril e está resfriada e preocupada. "Não posso ficar doente. Senão, quem vai pagar minhas contas?"

Temos trinta minutos.

Ela não fala muito alto, é quase introspectiva. Despe-se olhando pra mim, mas sem nenhuma atuação, apenas roupas que caem.

Gosto dela porque geme sem escândalo.

É uma mulher quase fleumática, a respiração acelera um pouco quando beijo a sua nuca.

Ainda temos cinco minutos. Pergunto se ela gosta de massagens. Nua, totalmente relaxada, minhas mãos percorrem calmamente o seu corpo. "Vou dormir um pouco. Só não deixe a porta aberta porque está um vento gelado lá fora, querido".

por Daniel Zanella



-LIÇÃO 3 (SOBRE REAÇÕES INESPERADAS)

Todas as vezes que falares biscoito alguém no mundo achará graça de algo que não sabe o que é.

Assim como quando disseres translúcido uma lágrima escorrerá dos olhos de um qualquer desconhecido.

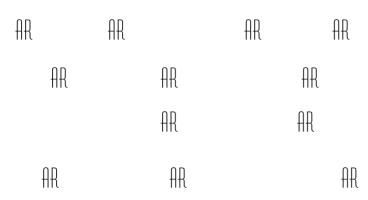
- LIÇÃO 8 (PALAVRAS MAL COZIDAS)

Cru não percorre apenas o entorno da tua boca: Se infiltra na goela como uma faca, sem tempero nem cozimento. Teu paladar renega e cospe ela fora.

Garganta também:
Te sufoca nas três sílabas
para estapear na tua cara o gosto que ela tem.
Gosto de coisa crua, coisa que tem gosto de sangue,
que te arranha três vezes
até tua língua vomitar, no último
A



Não tentes modernismos com oxigênio. Nada, eu repito: Nada é mais aéreo do que o ar no papel



-LIÇÃO 4

GRIS é uma palavra

(que ao entrar em ouvidos desavisados a respeito das lesmas da vida) capaz de deixar o mundo inteiro melancólico, suspirando.

Os suspiros podem facilmente se acabar quando dos pulmões de alguém explodem secamente essas duas sílabas:

O-CRE

*Benjamin Sanches fez uma aplicação perfeita da segunda palavra na sequinte frase:

"O ocre odor da pausa."

*Para aprender mais sobre a aplicação de Gris, ler García Lorca e Manuel Bandeira.



Se quiseres um poema pantanoso esverdeado, com gosto de musgo que te deixa sujo pelo resto do dia

Se quiseres falar sobre sujeira, indignação, morte, sangue luto

Se quiseres deixar teu leitor envolto numa massa gelatinosa por dias e dias

Nenhuma das palavras citadas acima são necessárias, basta que uses Lama e Lesma.

Ou pensas que elas têm o início, o meio e o fim iguais por coincidência? É uma repetição gosmenta, feita para isso que eu te disse.



Inaugural

por Valquíria Luna

Te recebo,
para cobrir meus ouvidos
e ouvir meus gritos
sussurrados no escuro
entre os panos límpidos
das asas do existir.

Inócua calada espaçosa entre os vãos dos meus dedos magros

espero-te antes que anoiteça e te crio na contemplação vaga dessa mesma noite na ilusão devedora de ter-te e não mais poder

És mulher e és minha para sugar meus poros e aleijar meus nervos

pois já não são teus os desejos que te acompanham

eles cresceram e viraram máscara de pó e fumo com a qual me cubro para te desolar

te amo com a boca fechada feito borboleta morta



Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico Preparatório - Graduação Pós-Graduação

Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895

À SUA ESPERA

por Tâmara Abduhlamid

Estava à janela esperando por você. Sim, da janela. O lugar que sempre fico quando espero a felicidade. Eu jamais forço, não roo as unhas. Apenas abro as cortinas, deixo o sol varrer os cantos, escancaro as vidraças, deixo o vento beijar meus cabelos enquanto a orquestra toca lá no exterior. Enquanto a espera toca meu interior.

Permaneci à sua espera. Suspensa de outros ais, esperando cada letra vir brincar no meu jardim. Te esperei no balanço da minha cadeira, coroada por minha treliça de jasmins, e emoldurada pela saudade de algo que não conhecia ainda.

Vi você cruzando a esquina. Interrompi meu chá e não te persegui. Te acompanhei com os olhos. Te vi aproximar reluzindo, espalhando as nuvens da neblina, soprando o frio para longe.



Você parou à minha porta. Não me levantei. Sufoquei o desejo de te olhar os olhos e aguardei. Aguardei o girar da maçaneta, o movimento que anuncia a entrada, que denuncia a volta, que estraga a surpresa, que interrompe a ausência. Esse seu movimento.

Girou e abriu uma fresta, um ângulo de porta aberta. E nesse triângulo projetado em minha parede você apareceu: quente, primário, amarelo. Florescido pela metade, com brotos de espera. Florescido como uma anunciação, o fim do inverno, um início.

Deixei que abrisse a porta, deixei que cento e oitenta. Seus raios caminharam a casa, minhas letras cantavam depois das suas. Minhas flores dançavam nos seus vasos-metade. Deixei suas letras diagonais me coroarem de jasmim. E, assim, dei você a mim.

Emerson Persona



#7

BANHEIRO FEMININO

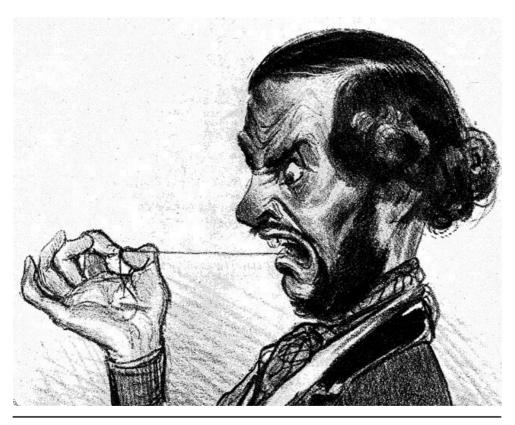
por Fernanda Anacleto

Essa mania que mulher tem de ir ao banheiro com outra mulher é coisa que poucos homens entendem. Não significa que a gente não sabe ir sozinha ou tenha medo. Claro que não. Mas se tiver uma companhia pra ir, melhor. No banheiro não existe censura, ele te permite falar e fazer coisas que você não falaria ou faria em público. E não me refiro somente às necessidades fisiológicas.

Banheiro feminino de balada é uma balada paralela. Já vi gente chorar, fofocar, vomitar, se drogar, se produzir, dar uns amassos, brigar. Lembrome da menina que entrou no banheiro e começou a dançar loucamente porque o namorado não permitia que ela dançasse na pista, na frente de todo mundo. E lá ela se libertou. Soltou seus demônios.

E tem aquelas tias sentadas próximo ao papel higiênico e a pia, cujo trabalho é manter a ordem na porra toda. Não deve ser um emprego dos piores, diga-se de passagem. Eu toparia me disfarçar de tia do banheiro só para relatar algumas bizarrices. Essas tias mal sabem, mas são escritoras em potencial.

Da hora mesmo são os banheiros públicos que acabam virando fumódromos em meio à lei anti-fumo dos terminais de ônibus. Certa vez entrei pra fumar o meu cigarrinho e ali já havia duas fumantes, conversando e escutando música. Pronto. A balada já estava feita. Em outra ocasião, mas no mesmo banheiro, encontro



Honore Daumier 1875

uma amiga muito próxima "botando tudo pra fora", em plena alegria do porre alcoólico. E o banheiro, de repente, virou a sala de estar de duas comadres.

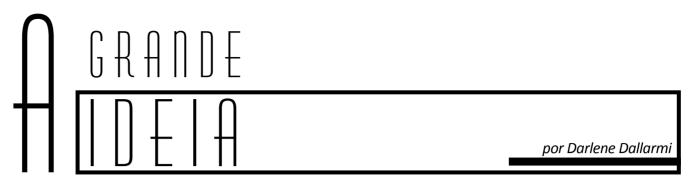
No colegial então, era um playground. Tira foto aqui, ali. Cruza com desavenças. Tinham as gêmeas que se odiavam. Certa vez uma entrou correndo e se trancou em um dos banheiros, enquanto a outra gritava "Vou te matar. Você vai ver enquanto você estiver dormindo, não perde por esperar". Superaram a crise, ainda bem.

Banheiro é uma espécie de galeria involuntária. Pichações dos mais variados temas. Desde ofensas e vinganças até confissões, poemas, números de telefone e desenhos. É o entretenimento que substitui a revista quando você faz o número dois (risos).

Eu estava no primário quando ouvi pela primeira vez a lenda da loira do banheiro. Uma menina mais velha chorava desesperadamente porque tinha visto tal figura. Fui averiguar. Só vi a privada. E tem a lenda da Bloody Mary (ou Maria Sangrenta) em que você declama o nome dela três vezes na frente do espelho e ela aparece pra te dar um oi. Nunca me visitou.

O próximo ponto de encontro, então, é o banheiro feminino. Pode ser o mais desleixado possível, mas em uma reunião sadia podemos idealizá-lo com toda aquela coisa de luzes de camarim, sofás confortáveis e um drink. Um brinde.





A grande ideia fica passeando pela sua consciência, fazendo-lhe pilhéria, coabitando entre os seus compartimentos corticais, entre as sinapses que insistem numa sequência harmônica, apesar do chicotinho da culpa. A grande ideia persevera testando se o seu desejo é realmente verdadeiro. Ela testa se você, humano, realmente quer achar esta sua grande ideia – aquela que vai conduzir os seus dias lhe fornecendo a certificação de que você é pleno, saltando dentre seus becos internos, libertando-se errante de seus cubículos desconhecidos. A grande ideia fica passeando entre a sua consciência e inconsciência, e você, à sua mercê. Procure por ela, não a deixe escapar. De repente, ela some.

A grande ideia foge, por natureza, como assim também se movem os grandes sentimentos. Seja um pesquisador de si mesmo. A grande ideia é indecisa, porque é de você que ela precisa e fica voejando por esses seus canais de quase consciência, entre seus pensamentos extremos e, entre as suas dúvidas, ela pode ser esquecida. A grande ideia pode mudar o rumo da sua vida, pode incluir um outro alguém também, e a grande ideia, inclusive, pode ser muda.

Ela pode ficar tímida durante anos ou décadas, e pode, também, passar incólume, sem nunca ser sentida. Só você para abrir a sua guarda, minimizar seus sortilégios, testar sua coragem de assumir sua grandeza infinda, essa grandeza que cabe neste corpo em que todas suas células torcem, aí, no seu fundo, para que você consiga acessar a sua grande ideia em vida. Mas se você insiste em caminhar no escuro, se você insiste que os olhos não vejam lá dentro, se a covardia, nesta altura, é soberana, ela pode ser esquecida, e ficar escusa, pela sua recusa.

A grande ideia pode ficar trancada, obtusa, entre os intervalos da sua dúvida. Na sua origem pura e eterna, a grande ideia é aberta, mas ela coloca você à mercê do seu próprio firmamento, observando se você vai merecer o privilégio de tê-la. A grande ideia pode merecer apenas a sua dúvida, e ficar no meio do caminho, se você não fizer por merecê-la, se você não lhe fizer a corte como um personagem de Shakespeare apaixonado.

Uma grande ideia pode se tornar uma instância, se for aberto, aí, por dentro, algum compartimento. Ou torna-se tola, vã, acorrentada pelas garras do seu temeroso pensamento. Você precisa merecer a sua grande ideia, assim, como se merece um troféu pelo seu sem igual afinco.

Você tem que fazer para merecê-la, a sua grande ideia. Ela é sua, e não é sua. Você pode a acolher ou ela pode encolher. Ela pode eclodir, como pode implodir aí dentro, encurtar, regredir, até sumir e levar você às raias perigosas da indústria farmacêutica e da mídia, prontas com potentes fórmulas e programas e propagandas e desejos consumistas.

À parte a densidade superficial do mundo urbano, você é um oceano de ideias submersas, latentes, quietas, inquietantes, muitas esperando, algures, pela evocação do seu próprio canto. Como um homem das montanhas que, no seu cume, faz suas abluções solitárias de agradecimento pela verdade perfeita e muda de tão verdes vales, partes que são, entre si, indivisíveis, indistinguíveis, inseparáveis – o homem e o seu planeta em contemplação - em si, um só, em uníssono, no seu silêncio luminoso e eterno, mesmo que um dia se apague a chama daquelas células que faziam a forma dessa vela.

Porque fica o pólen da sua vibração na forma da sua grande ideia, pulverizada e invisível, mas poderosa o bastante para, na respiração do outro homem, adentrar no trajeto do seu momento, agora decisivo.

A grande ideia fica à espreita, avaliando, na sua consciência, escusa, esperando a abertura dos seus verdadeiros olhos para que seja dita. Assim, como um milagre da sua própria natureza, pode surgir a sua grande ideia. Ela inclusive pode ficar latente, mas aguda e, ao mesmo tempo, absorta.

A grande ideia é tecida de intuição, regada em rituais particulares, seja no recôndito canto do seu lar, no ônibus ou no metrô, mas para nascer, ela precisa de você. A grande ideia pode ficar pálida e opaca, presa no labirinto sem discernimento dos seus dias. Ela pode ser uma prisioneira aí dentro, mas seu algoz é o que verdadeiramente teme, essa é a razão da prisão, que está à vista nos olhos de quem vê. Você é prisioneiro da sua ideia, porque quanto mais calá-la, mais constrangimento vai lhe causar ela continuar latente, mesmo, e principalmente, por você não assumi-la. Uma grande ideia é como uma amante que não se assume, ou um grande amor, ou uma febre encruada para sempre, até o final dos seus dias. Tendo ou não a tendo, ela faz parte da sua escolha ou não-escolha, e da sua vida.

A grande ideia pode ficar acuada, tensa, espremida, no ranger da sua falta ardente de desejo de possuí-la. Ela pode se lançar de você, alada, mesmo nos graus ainda não elevados de consciência, abrindo, limpando, criando vida vertiginosa feito uma torrente aguda, nua, lisa e escorregadia.

A grande ideia pode ser poderosa e

faz com que você jogue o macarrão em água quase fria, mas os tomates são pacientes, os tomates são compreensivos e entendem, e tudo se resolve entre a alquimia dos temperos, na água fervente que entra em ebulição e acolhe o macarrão e o transforma com a sua ação, e a sua grande ideia agradece. E aquela folhagem sem nome, também esquecida – agradecida por compactuar com a sua grande ideia em silêncio – volta pelas suas mãos à refrigeração, e recupera o viço, com carinho e à espera da sua nova interação.

Uma grande ideia pode surgir no momento mais inusitado, incômodo, inesperado, causando-lhe uma necessidade febril. Portanto, fique pronto, fique atento, esteja alerta, a grande ideia pode ser sua.

As folhas já limpas se deixam enfeitar com orgulho. E tudo é tão perfeito e honesto e intenso, que você quase esquece no forno o frango caipira. E sua mão trêmula quase derruba a travessa, podia quebrar, mas não quebrou – se a travessa fosse ao chão, ninguém para ajudar. Porque tudo conspira e prospera pelo bem que pode fazer a sua grande ideia, tudo se dá em nome, a favor, o planeta inclusive espera pela sua grande ideia.

Os morangos orgânicos também podem esperar. O chocolate amargo vai fluir com a entrada do açúcar demerara num balé em círculos, geométrico e cíclico, como o próprio infinito. E, no seu ápice, vai embarcar num transe marrom e aveludado, sua cor acobertando os morangos ternos e melífluos e vaidosos na beleza de se entregar. E tudo isso, talvez, tenha a agradecer a Lyle Mays. Mas agora, a grande ideia precisa – além de ser digerida e dirigida – descansar.

Sarah Bauer Técnica: Aquarela VOX URBE

Abertura do Bar 21h Entrada: R\$ 6,00

Vontra Baz Rua Trajano Reis, 326, São Francisco 3026 6272

MATANDO ARLON BRANDO

Gosto de Maria Schneider em O Último Tango em Paris porque ela tinha um rosto redondo e infantil e falas quase declamadas. Naquelas primeiras cenas, com chapéu, franja, casaco de pele e olhos delineados, ela representava exatamente meu ideal de beleza na adolescência: uma pessoa que fica bem de chapéu e franja, ué. Maria Schneider ficava bem com os cabelos soltos, mas ficava melhor ainda com eles presos. Acho que gosto dela principalmente porque ela tinha aqueles seios enormes e, sabe como é, mulheres com seios grandes sempre simpatizam umas com as outras.

Gosto de Marlon Brando em O Último Tango em Paris porque ele não decorava as próprias falas. Gosto um pouco mais porque ali ele representa um dos muitos tipos errados de homens que consideramos ideais: triste, mandão, secretamente romântico e razoavelmente bem vestido. Do tipo que não cala a boca nunca, ainda bem. Do tipo que te propõe uma relação estranha e a estraga no final. Pactos precisam ser mantidos.

Maria Schneider mata Marlon Brando no final de filme e eu passei muito tempo tentando entender o motivo. No primeiro ano de faculdade, decidi que Bertolucci seria meu diretor preferido. Uma opção um pouco cafona, o que combina comigo. Eu tinha a mania de perguntar pras minhas amigas quem elas gostariam de ser caso pudessem escolher uma vida completamente diferente. Eu queria ser Maria Schneider em O Último Tango em Paris. Uma escolha nem um pouco motivada pela manteiga, sinto decepcionar. Queria ter aquela franja, aquele chapéu e poder decidir se mataria ou não Marlon Brando no final. Afinal, quem quebrou o pacto foi ele.

por Julliana Bauer



Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro -Araucária. Fone: (41)3642-1622

CLIMÁTICA SOLIDÃO

A VIDA NÃO VALE NADA

Saio caminhando sozinho pelas ruas abandonadas de Curitiba. Sem um destino certo, sem um objetivo a alcançar. A chuva me molha ininterruptamente e o vento gelado arde no rosto. Ando em passos lentos olhando o céu negro que derrama sua pureza que me lava. Minha mente vagueia no tempo e sinto no peito o vazio de uma alma solitária.

Passo por alguém que me diz algo, mas apenas vejo seus lábios se moverem mudos até que meu olhar o abandona. Na poça d'água vejo meu reflexo murcho como uma rosa largada no deserto da vida. No peito ecoam as batidas lentas de um coração já velho e fraco que está a desistir. Nos lentos passos, sigo sem olhar para trás, fugindo de mim mesmo – do amor que não ganhou vida. A chuva cai forte, os trovões estalam como o som do chicote que rasgou meus sonhos fazendo sangrar e perder de gotas em gotas a vontade de lutar.

Troveja aqui e ali, rasga o céu um raio que ilumina no fundo da mente a lousa onde havia escrito o que eu queria ser quando crescer. Mas a goteira que há faz com que a água da chuva apague esses objetivos. De súbito, saio correndo, atravessando os cruzamentos sem medo de ser atingido. Sinto como se algo me esperasse em algum lugar e que, mesmo molhado, ainda posso conseguir um acalento para fugir do frio. Mas outra vez me encontro sozinho numa Cândido de Abreu vazia.

Aos poucos, já não sinto o ânimo de encontrar esse algo que talvez nem exista. Não tenho mais vontade de alcançar aquele sonho de criança. Afinal, era coisa de criança e se perdeu quando apagaram a lousa. Atravesso a avenida e sento no banco da praça. A chuva cai forte, os trovões e relâmpagos estão furiosos. Encolho-me como uma criança recém-nascida e deito-me no banco. Ao lado no banco próximo de mim vejo um mendigo na mesma situação e, numa fração de segundos, volto no tempo e me vejo dentro de uma sala de aula, na terceira carteira da segunda fileira, em pé e perguntando para a professora; - Por que tem gente que vira mendigo?

Minha mãe passou a noite inteira da véspera do dia dos pais transando com o namorado dela. Ela achou que eu não ia ouvir porque estava jogando videogame no quarto, mas a cama dela faz tanto barulho que nem mesmo se eu deixasse o volume no último eu conseguiria encobrir aquele "nheco-nheco" insuportável. Ela e meu pai estão separados há dois anos e há muito mais tempo ela não dá a mínima para ele. Tratava-o como merda e não se importava em arranjar amantes e fazê-lo sangrar de ciúmes. Minha mãe não tem 40 anos e mesmo assim é hiperativa. Quando não está arrumando a casa de maneira frenética e obsessiva, está gritando comigo por causa de migalhas de pão em cima da mesa. Ou então está no quarto com alguém fazendo "nheconheco" na cama. Ontem, estava com o namorado e cada estocada que ele dava em sua vagina era como uma adaga penetrando no meu peito. As vezes, acho que ela não dá a mínima para mim também, afinal, o namorado dela é meu melhor amigo e tem apenas dois anos a mais do que eu. Eles se conheceram aqui em casa, quando ele vinha depois da escola para jogarmos videogame. Foi numa noite em que ela chegou meio bêbada. Tinha um resto de vinho na geladeira.

Ela ofereceu para ele e ficaram conversando e dando risada e aí eu figuei como a única criança no recinto, que não bebia, que jogava videogame sentado no chão, que era virgem. Aí então eles foram para o quarto enquanto eu jogava e voltaram depois de quase meia-hora. Nem ela, nem meu amigo e nem eu tocamos no assunto. A ideia de que agora eu teria que chamá-lo de "pai" soa engraçada, tanto quanto o fato de que ele agora vai ter que me dar mesada, mas é o típico caso de rir para não chorar. É mais ou menos assim quando a minha mãe interfere na minha vida. Agora não reconheço mais o meu melhor amigo como melhor amigo e também não o reconheco como padrasto ou pai o que quer que seja. Ela simplesmente bagunçou tudo. Basicamente, foi graças ao meu melhor amigo que eu não enlouqueci quando meus pais se separaram. Mas agora minha mãe se apoderou de nossa amizade e transformou tudo numa confusão tão grande que não sei nem ao certo o que estou sentindo. Será que, por algum instante, ela não se perguntou se isso era a coisa certa a se fazer? Ela não tem ideia, mas, ao foder com meu amigo, ela está fodendo comigo e fodendo com o meu pai. A vida não vale nada mesmo. (continua)

por Jonathan Mendes Caris

por Benett

Marcio Renato dos Santos & família agradecem a todos pela ótima aceitação de Golegolegolegal!

Lançado dia 19 de março deste ano, pela Travessa dos Editores, os mil exemplares do livro de contos do autor curitibano estão esgotados. Se você ainda não leu, é possível consultar os exemplares disponíveis para empréstimo na Biblioteca Pública do Paraná ou nas Tubotecas curitibanas.

Golegolegolegah! – prova real de que há público e interesse pelo conto.



QUIMERA

para Júlia Hispagnol

dizem que ela um mamífero onívoro da família Canidae pertencente ao gênero Vulpes fulva tem sangue fresco nos dentes unhas afiadíssimas (dessas de pescar trutas) focinho comprido seios arqueados cauda longa peluda olhos ardentes de âmbar pele delgada inflamável e pelos encarnados na vulva e que às vezes na primavera em domingos de chuva podemos vê-la faminta e inquieta esperando por alguns raros raios de sol a fim de caçá-los e devorá-los com afinco e volúpia em cima da maior pedra da virginia hawkins falls.

Guilherme Dorigo Capriglioni Técnica: Nanquim por Camillo José

raduzir não é simplificar, mas — pelo contrário — aproximar o texto, ter com ele intimidade. É uma modalidade do conhecer, assim como o fazer, o pensar, o publicar; traduzindo Uljana Wolf, Ricardo Pozzo e Guilherme Gontijo Flores namoram a própria complexidade presente em seus poemas, eles próprios, esforço entre línguas, pensamentos que não se traduzem, gestos que identificam.

Paulo Ugolini

ULJANA WOLF

ÜBERSETZEN

mein freund: das ist unsere schlaglochliebe unser kleiner grenzverkehr holprig unter zungen

unser zischgebet und jetzt streichel mich auf diesem stempelkissen bis der zoll kommt

mein freund: oder wir schmuggeln flügge geschmacksknospen gazeta wyborcza und

münzen münzen in einer flüchtigen mundhöhle randvoll zur stoßzeit K H U U L I K

meu caro: esse é nosso amor buracado nosso trânsito de fronteira acidentado sob as línguas

nossa oração murmurada e agora me afaga nesta almofada de carimbo até que vem a alfândega

meu caro: ou podemos traficar plenas papilas gustativas gazeta wyborcza e

cunhar moedas na fugaz cavidade oral lotada em hora de pique.

Tradução: Guilherme Gontijo Flores





$A \cap X \mid E \mid Y$

Onda de calor

cinzenta não pensa

Invade a nuca
E desce
Encontra seu porto
Na espinha dorsal
E parte
Para as mãos

Suor gelado
Palmas que deslizam
Linhas da vida
Encharcadas
Dedos trêmulos
Punhos cerrados
Os membros não dão conta dos cigarros

Um par agitado
De pés desalmados
Que batucam o plano de verniz
Sem parar
Enquanto o estômago queima
Saliva encontra sua seiva
Um líquido infernal

Dá voz Então Para o que a subjeção Tem a falar Tudo agora é incerto Se a massa cinzenta não pensa Não há quê falare a massa

Não há quê falar

por Ágatha Santos

ANTIBIOSE

Busco o seio materno em litros de álcool frustro-me com a estupidez e hipocrisia – próprias sigo errante o Barco Bêbado me vem à mente sou o capitão – um capitão imponente onde estão meus marujos? sinto-me rei, mas não tenho servos – se tenho, não admito o Barco Bêbado me vem à mente faz-se o ciclo a psicose conflita com a moral grito por conciliação obtenho espasmos e danação delírios e álcool intoxicação diária – mental e física de que importa? se vivo ou morro tudo de nada vale

por João Dusi



AMARCORD

Quem entende alguma coisa de socialização conhece o papel irrefutável do futebol para um ser humano nascido homem, no Brasil, fazer amigos e auto-estima entre seus cinco e treze anos. Não que seja impossível conhecer gente sem jogar futebol, mas é preciso compensar em alguma coisa. Até o Jardim III, pude compensar desenhando, até o desenho desdenhar de mim, e um bloqueio criativo, metonímia da síndrome do segundo disco, afundar-me em incertezas para o ensino fundamental. Afirmo pautado por conhecimento empírico: sem jogar futebol, você é o Caliban de Shakespeare, o homem subterrâneo de Dostoievski; você é um filme do Homem--Aranha - sem lugar, sem amor, sem qualidades aparentes; um escravo das circunstâncias; um antagonista de si mesmo à procura de aceitação. Até pode fingir interesse no esporte e contribuir duvidosamente com as conversas, afinal todos têm seis ou sete anos e acreditam em qualquer coisa, mas a bola não mente, meu amigo. E se tem uma coisa que o ser humano nascido homem aprende entre seus cinco e cem anos é que a bola pune.

Sobre contribuições duvidosas:

- 1. Em 2000, o Henrique jurou ter visto um jogo da Seleção Brasileira ao retornar do fim de semana. O que não se apresentaria como tamanho absurdo, estivéssemos nós falando de nada senão a Olimpíada de Sidney.
- 2. As crianças adoravam reclamar de impedimento durante os jogos numa cancha de areia apertada. Ninguém sabia o que era impedimento, mas se algum craque-de-primeira-série pedia, o craque-de-primeira-série da outra equipe normalmente aceitava para demonstrar conhecimento e superioridade moral. O Rodrigo sempre fazia isso, o primeiro isso e o segundo.
- 3. Meu amigo Rafael, conhecido vários anos depois disso tudo,

contou sua ótima estratégia de infância - se apresentar como lateral-direito. Como ninguém se definia como lateral-direito, ele tinha vaga garantida.

É por isso que não esqueço meu primeiro gol, passaporte social da primeira série de ensino fundamental, período de festas regadas a brigadeiros e crianças que se banham em piscinas de bolinhas provavelmente iá vomitadas. A vida é bela em 1999. se você se mostra capaz de correr com a bola dominada e finalizar com o bico de sua bota ortopé preta, sem cadarço e, acima de tudo, hedionda (tênis de luzinha, a essa altura, não é uma opcão). Aliás, nada justifica minha aparição tardia no futebol. Pai é doente pelo balípodo e certamente teria perdido o parto de Mãe se o Santos estivesse em campo no momento em que fui convocado a existir. Uma mudança para Porto Alegre, onde todos são doentes por futebol, deveria contribuir para meu interesse, e ainda assim me ative ao lamentável basquete. Restabelecido em Curitiba, aos sete anos - quando já vemos meninos se aposentando, ganhando chuteiras coloridas ou assinando com o próprio Santos -, eu sequer tinha um time definido (Pai, inexplicavelmente, não me doutrinou), e muito menos sabia dominar uma bola.

Observando que minha ausência do futebol acarretaria num claro subúrbio de socialização, eu, que de amigos tinha poucos e deles buscava mais, precisava reverter o panorama catastrófico. Como qualquer trajetória de herói, ou de quem pede licença poética para se chamar de herói ao fazer autorreferência na primeira série, algo só podia partir do acaso. Levado por um tio para acompanhar um primo a algum aniversário de quem muito infelizmente não me recordo, atuei em alguma peleja organizada espontaneamente, brincando

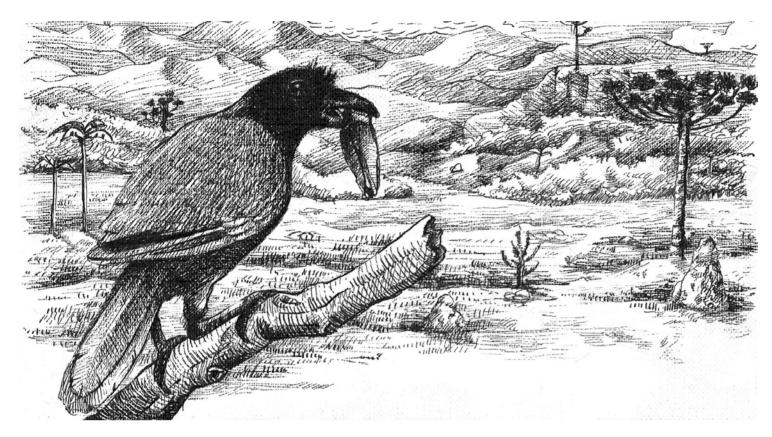
de ser zagueiro. Improvisado, pois àquela altura qualquer posição me seria improvisada.

Lembro pouco da ocasião, à qual me refiro como um amistoso não-oficial de pré-temporada. Lembro, entretanto, que uma dezena de crianças, coordenados por alguns adultos, corríamos num campo de grama aberto, e que os gols não tinham rede, cabendo a quem sofria danos no placar a dupla humilhação de buscar a bola nem sempre próxima. Meu primo, anos mais novo e, contudo, já imerso no universo futebolístico, fardava na outra equipe. Ganhamos apertado, por dois ou três gols de diferença, e tive o prazer de subir ao ataque à Beckenbauer e marcar um gol de sobra, da entrada da área adversária. Não era um gol de verdade. Não era na frente da minha sala. Não era na cara do Rodrigo. Poucas vezes me havia sentido tão realizado, todavia. Foi a chama necessária para buscar afirmação na sala da primeira série.

Passados alguns meses (foram, provavelmente, duas semanas e olhe lá, mas o tempo psicológico me jura terem sido cerca de trezentos anos), tornei-me um atleta não utilizado e choroso das aulas de futebol, toda terça-feira às 18h, sob o crepúsculo da consciência diária, com as duas primeiras séries do colégio (!), seguindo as ordens do professor Marlon. Ninguém tocava a bola para mim, e não os culpo, visto que a demanda requer conquista. O que acontece na cancha de areia das traves verdes - que no Ensino Médio ganhou as alcunhas de Curral, Chiqueiro, Jaula ou Ah Não Naquela Bosta -, fica na cancha de areia. E também na vida, mas nhé a vida.

Antes de fazer um gol, você precisa receber a bola. Comigo, isso aconteceu num recreio, em jogo de todos contra o goleiro (porque aparentemente isso tem graça, na primeira série). Victor, meu amigo até hoje, e, à época, já estabelecido no futebol, não se lembra da ocasião, mas foi o primeiro a erguer a cabeça em uma cobrança de lateral e me encontrar, solícito em sua frente, envergonhado demais para pedir a redonda. Ao me passá-la, justificou-se aos outros, "Ele tava livre!", tecnicamente uma mentira pautada em verdades, visto que todos eram do mesmo time, e, portanto, estavam livres (Victor, hoje, está para se formar em Direito no Rio de Janeiro). Devo muito a ele. No momento, surpreso com a ascensão (e carregando um pacote de salgadinho Elma Chips no braço), logo repassei a bola, ciente de não me folgar frente à possibilidade. O foco seguia na aula de futebol, terça-feira, 18h.

Quis o destino me colocar no mesmo time de Rodrigo, o mala, que, já no terço final de uma partida, corria com a bola (como sempre) em direção ao gol. Éramos eu, ele e o goleiro. Éramos o chiaro em meio à penumbra de Caravaggio, assombrados pelo mesmo crepúsculo semanal aterrorizante. Desavergonhado, pedi a bola, gritei pela bola, pois sabia que o momento se aproximava. Evidentemente, epítome do fominha desenfreado, Rodrigo preferiu a solução individual e chutou no canto esquerdo do goleiro, sempre atento. A bola estourou na trave e sobrou para mim. Eu e o gol livre. Confesso que tremi, diria Pablo Neruda, não a ponto de desperdiçar tamanha oportunidade. Embaixo da trave, OJapa toda sala tem seu OJapa, e este era um goleiraço -, jazia morto no ângulo rasteiro acertado por Rodrigo. Concluí a jogada e, mais que isso, um ciclo, porque a bola, já aquietada na rede dura daquelas traves verdes, também consagra.



João Paulo Melo Técnica: Nanquim

GRÃOS DO RUSÁRIO

ENTRE A CRUZ E A ESPADA

em memória de minha mãe, Ana, que virou estrela

minha mãe tirando coragem proverbrincou:

- céu picado, chão molhado.

para espantar o medo

velas acesas e uma reza comprida.

breu, relâmpagos: um pano cobria o espelho

e uma reza comprida para espantar o medo.

a bíblia aberta, os benditos, os ramos bentos

e uma reza comprida para espantar o medo.

os grãos do rusário rodavam em suas mãos, o mundo caía

e uma reza comprida para espantar o medo.

o mofo ainda não arranhava as paredes

andava lá fora, o mau tempo.

e vinha de longe, de léguas, ligeiro.

vinha mau, úmido, enorme, trovejando, descendo, dizendo aos trancos, truculento.

vinha alado, amplo, longo, aterrissando, pisando firme, fundo, juízo final. vinha barulhando, assoviando, soprando, quebrando tudo, assustando, derrubando, abraçando a mata, violentando, dobrando o capim vinha furioso misturando tudo na escuridão, forçando a porta, a tramela os relâmpagos luziam a trilha.

andava lá fora, o mau tempo.

para espantar o medo

minha mãe rodava os grãos

Em nossa encruzilhada corporal A cruz por goela abaixo eu meto, ó musa. Aguento a fera nu que em mim abusa, A gralha de mil línguas sem rival.

No ponto em que eu te cruzo como a seta A espada dos desejos me atordoa. Justiça benfazeja, voa, voa, E sorve o que o pecado tem por meta.

Pois entre a cruz e a espada, escolho a cova. O que de sangue bebe a espada amarga O santo crucifixo salva e prova.

O x que em nós se esfrega sofre a carga. É tanque abandonado na desova, É cruz que após o Cristo então se larga

por Jair Barbosa

1943

por Matheus Baz

Era um dia de muito calor, talvez um dos mais quentes do ano. Separada da família, apenas com a lembrança de seus irmãos vivendo na repressão política e social do Norte, ela era brutalmente levada com a correnteza de pessoas que corriam para pegar o trem.

A ausência de perspectiva de vida era sua companheira constante. O apego aos seus bens materiais tinha sido há tempos substituído pelo medo, pela insegurança, e pelo constante questionamento: "Quando é que isso tudo vai mudar?"

Ela parou rente aos trilhos, o suor escorria pela sua testa enquanto via aqueles homens fardados administrando o caos que ocorria debaixo daquele sol escaldante.

O trem chegou. Era possível notar nos olhos dos espectadores a mesma expressão cansada, apreensiva e ao mesmo tempo sábia, uma vez que os mesmos tinham ciência do que os aguardava.

No momento em que as portas se abriram, ela foi levada junto com a multidão a entrar naquele espaço apertado, sujo e abafado, considerado por muitos impróprio até mesmo para o transporte de gado. Prensada no fundo do vagão, ela tentava agarrar o ar que entrava escasso através de pequenas janelas localizadas pouco acima da altura de sua cabeça.

"É triste que isso aconteça...", disse um senhor por volta de seus 50 anos, olhar pesado e corpo anêmico, aparentemente acostumado com a situação. Ele continuou: "Um dia eles ainda vão ver o quanto nós sofremos, o quão ignorante todos nós já fomos".

Ela tinha a resposta na ponta da língua, mas, por um momento, pensou na diferença que faria revidando àquele senhor suas palavras secas, amargas, sem uma gota de esperan-



João Paulo Melo Técnica: Nanquim

ça. Era melhor ficar em silêncio. Ela se virou e ficou de frente com a parede de metal do vagão. Fechou os olhos e tentou não pensar na dor que sentia nas pernas, no peso da trouxa de roupas que levava nas mãos e no calor avassalador que fazia naquele ambiente claustrofóbico, que trazia todos os tipos de odores para dentro de suas narinas. "Somos todos uns ratos", ela murmurou.

Conforme a velocidade do trem aumentava, os solavancos e a instabilidade dos trilhos que careciam de manutenção faziam com que os passageiros balançassem de um lado para o outro, tornando aquela situação precária em uma experiência quase que infernal. Homens e mulheres, crianças, jovens e idosos, todos juntos e misturados naquela prisão sobre rodas, formando um bolo único e pesado, que tinha em comum o desejo de sobreviver por mais um dia em meio ao caos e tempos de violência nos quais se encontravam.

A jovem sentia pela redução de velocidade do trem que a parada estava próxima. O espaço de tempo entre os solavancos era maior. Ela podia perceber o movimento quase que idêntico de todos os passageiros agarrando seus pertences debaixo do braço como um ato quase que mecânico, esperado naquela situação.

Ela foi a última a sair do vagão. As portas, que faziam um barulho ensurdecedor ao se fecharem próximas de suas costas, ainda a assustavam. Ao olhar para o lado viu os mesmos homens uniformizados tentando controlar a massa, que caminhava rapidamente na mesma direção, como um rebanho de ovelhas, inocentemente em direção ao matadouro.

Ela pensou: "Mais um dia desse inferno" e continuou a pé o caminho até a casa de sua patroa, na rua Alfredo Volpi, n° 1943, Morumbi.





Luiz Felipe Leprevost comemora dez anos de carreira literária lançando *Salvar os pássaros*, livro de inéditos e, o selo Encrenca – Literatura de Invenção, em parceria com Otavio Linhares e os irmãos Tizzot, da livraria e editora Arte & Letra.

Sem contar com os três livros de bolso (*Tornozelos deitados*, *Cecília roendo as unhas e Pífio – psicotrópicos que não fazem mais efeito*) que lançou, segundo o próprio, em esquema artesanal, de guerrilha, pela Kafka edições baratas (de Paulo Sandrini e Fernando Koproski, na época), *Salvar os pássaros* é o sétimo livro de Luiz Felipe Leprevost, desde sua estreia oficial, em 2002, com a coletânea de poesia *Fôlego* (edição do autor).

De lá para cá, Leprevost publicou o longo poema *Ode mundana* (2006, Medusa), mais os contos de Inverno dentro dos tímpanos (2008, Kafka), *Barras antipânico* e *barrinha de cereal* (2009, Medusa), *Manual de putz sem pesares* (2011, Medusa). E então o primeiro romance *E se contorce igual um dragãozinho ferido* (2011, Arte & Letra), seu livro de maior sucesso de público e crítica até então.

Salvar os pássaros apresenta alguns textos de evocação e invocação, além de contos inéditos. Trata-se de obra pulsional, sem tempo para pontos finais. Estão os textos como que pendurados, como se o autor organizasse uma coletânea múltipla para, ao fim, cumprir a necessidade de dizer tudo ao mesmo tempo. Num indecidido em que, mais que o hibridismo da prosa com a poesia (e às vezes até algo em tom ensaístico) – cada vez mais marcantes no estilo do autor –, sugere a obra organização, montagem, porém de formas desgovernadas de enunciar o mundo. Prática de escrita que encontra meios cada vez mais potentes de acesso ao inconsciente: a metáfora e a metonímia nada convencionais, relações sensoriais, crueza e lirismo, memória e rizoma, cipoal dos sentidos.

Presentes no conjunto, alguns dos textos, propositadamente esvaziados de ação dramática, não solicitam do leitor menos que a implicação do corpo, estando aí aberta a sugestão para a vocalização invocatória nos sentidos em que se dão teatralmente e como música. Daí que *Salvar os pássaros* resulta em livro de conjunções carnais – a carnadura da narração de como se narram a si mesmos os textos –, o real do inconsciente e o real do corpo.

Cabe dizer ainda que *Salvar os pássaros* é obra erigida, além do que exige do corpo físico, de algo mítico. Transita por interstícios que vão da paz de espírito à loucura, da alta sabedoria à futilidade que nos solapa diariamente, da técnica ao maravilhoso da inspiração, da elegância ao popular das conversas de ruas, do amor romântico à selva, do íntimo, do singular ao social que nos afeta a todos.

por Otavio Linhares

LANÇAMENTOS DO ENCRENCA:

Lançamento Salvar os Pássaros Livraria Arte & Letra Al. Pres. Taunay, 130, Batel 26 de outubro, sábado, às 16 horas nasci amanhã faz tempo. não tenho rosto, apesar deste. meu nome? meu nome fantasia. a visão mais feia de mim: monstro pesado que vai se enterrar abaixo da linha dos humilhados. disforme, elefantíase na gravidade inimiga do humano desejo de se salvar em pássaro. hu-milhados: o máximo da violência condensada

(...)

todo dia você acorda (se é que acorda) e ah que assustador

(...)

os mortos devem temer a nós os velhos, eles terão que se mudar para outro lugar quan¬do chegarmos lá

mas nenhum de nós morreu e é só o que ficou da noite sem rosto. escuta, nada agora transborda agoras. alguém que chora, chora ainda lá na noite. aqui, porém, é já manhã e nenhum deixou de estar. não mostra, Senhor, o lado em que os lados findam, mas o desfocado dos pássaros. bichos acostumados ao cativeiro, as lágrimas agora se atrofiam

então, mais dengo que dentes. melhor se descreve o que se tem perto dos olhos (façamos com sentimentos). de longe, inventa-se mais (bom para literatura, não para cotidianamente com saúde), posso rir das gaiolas, me fiz numa delas. somos falatório. os monólogos, coletivos. estou dançando a valsa das pegações. já fiz das tripas coração, agora aprendendo a pensar. e o amigo politizado tudo culpa da besta capitalista (ah o querido amigo, sua ração a ideologia). se estou em guerra, vencendo pela via do afeto (pega, esta frase o meu currículo plágio combinação). nem sei se sou um homem ou se um corpo de neblina. chegou o inverno, não as cigarras. amanhece... uma espécie de ressurreição até para os vampiros

amanheceu

e diárias horas de escuridão na escuridão. dentro do mundo florido e barulhento feito um parque de diversões, está claro que compramos os inesgotáveis ingressos para o trem fantasma

(...)

mas também comove o que está a colar penas umas nas outras com o intuito de produzir asas, só que paraíso é reles e impossível. os co-rações estão dilacerados e a piedade é torpe. sou cordeiro? destripa-me

nada mais reza. só há o automatismo fora deste lugar literatura. não há mais rito algum nem nos mínimos reinos do cotidiano. e vou acreditar que cada coisa tem forma e cada for¬ma sua voz. cada voz de cada é uma coisa e muitas. o que a síntese diante de um mundo de contradições, catastrófico, fraturado, abun¬dante? é possível o ordenamento de algo

com esmero numa sequência de frases, páginas? e o extraordinário só se olho muito e atentamente o ordinário. talvez contribuições ínfimas, mas é tudo o que alguns. sempre fragmentos poro¬sos (nada está inteiro) da oficina do fazer. e os textos são sem data e hora que especifiquem ou clareiem o que já não se dá a apalpar: formas, vozes e as coisas das coisas que não dependem de mim. mas eu sabê-las, ao meu modo, faz que sim. o acontecer acontece o tempo todo

sei o que é estar vivo: é estar exausto e fazer de novo

(...)

alguém que não está passou o café, colocou a broa na mesa. Deus inventou os domin¬gos para que nos impliquemos com os velhos. Deus inventou o domingo porque é velho e escarra. fez a tosse para que o corpo experimente ser podre de tempos em tempos ao longo de nossas idades todas, sirvo a xícara, no primeiro gole queimo a língua, mostro os dentes para a sala. tusso. tusso sem me perguntar por que tusso, assoo o nariz no guardanapo, um, dois, três guardanapos. dias em que tudo o impossível. não visto minha melhor roupa, não saio comer qualquer coisa. nunca mais vou ao cinema por culpa do Amor (Haneke). devia pôr para lavar este pijama fedendo a junho. do lado de lá da janela venta porque é de manhã, venta porque as árvores, venta porque estou só numa casa grande e aos domingos tudo volta a ser um pouco assim malmorrido

nesta cinza molhada gelada horrível manhã curitibana parece que tudo quer e vai morrer, se é que já não está morto. mas não eu. eu estou aceso

(...)

para cavar, meu pulso é fino. na unha o poema pegou seu fogo. passar. passar sem saber que passamos, o melhor que fazemos. o fogo oculta o que devora. o tempo, reformador. vamos olhando. comendo com as mãos. carcomendo com as mãos as mãos. meu pulso é fino e o amor é uma fruta. daí das coisas que odeio: quem não come a maçã até o fim. e não é minha doença o que não é minha saúde. não digo todo corpo é um épico, mas toda danca. não importa nossa idade, o amor tem sempre 14 anos. e aquele corpo gosmando. para a forçada ternura, meu pulso é fino. envergonhamos o trágico. desespera, Serenata. só a dança é con-temporaneamente épica

mas o corpo é quem?

levantou, passou a executar a dança enquanto alguém cantava. dança e melodia, o mais esdrúxulo. e nada é mais ruína, terreno baldio. e ele disse ao poema nasci amanhã faz tempo. disse não tenho rosto, apesar deste. desdisse ao nome meu nononome fantasia.

Noite de inverno Um chopinho bem gelado é servido no inferno

A vida tem essa pressa Mesmo sem pecar a gente se confessa

Diante do espelho minhas olheiras me olham com olhar de cansaço

A gente nunca erra quando faz da paz nossa arma de guerra

Beleza macabra Pintaram as unhas do pé de cabra

Meu chá tem calibre Além de chumbo e pólvora leva um pouco de gengibre

por Alvaro Posselt



Sob a brisa da tarde, os braços de todas as árvores me acenam, com seus dedos de folhas delicadas, nas diversas gradações do verde. Parece que dançam no silêncio, ritmados no vento que passa. Flores e frutas, famílias de insetos ignorados também dançam, a mata está plena de vida e sossego. Depois você vem com o seu trator barulhento e derruba todos estes braços que me acenam.

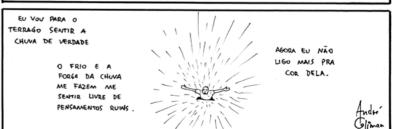
por Chico Guil



OUFO O BARVLHO DA
CHOVA E QVANDO OLHO
PELA JANELA, O CÉU
ESTA VERDE!







André Caliman

A BANDA CONCEITUAL

uzana insistiu tanto que acabei por levá-la numa reunião da banda. Foi um erro. Ela não entendeu nosso conceito; parava de perguntar onde estavam os instrumentos, quem fazia o vocal, quem tocava guitarra, essa coisa toda. O pior é que justamente naquele dia íamos discutir a questão do sampler. A avó do Renato tinha dado uma grana para ele, e a gente tinha que decidir se comprava um sampler ou um Macbook. Se fosse um Macbook, a galera teria que inteirar uma parte. Mas a Suzana ficou fazendo pergunta, dando palpite, tagarelando tanto que a gente teve que marcar outra reunião.

Na semana seguinte, aí sim, conseguimos discutir com calma. Decidimos que o Macbook era melhor. Além de editar as músicas, a gente teria acesso à internet e poderia tentar vender por esses saites que comercializam mp3. O Rafael falou sobre a possibilidade de levantar uma grana por meio de um saite de financiamento coletivo. Ninguém sabia o que era aquilo, e ficamos de pesquisar melhor e discutir o assunto em outra reunião.

Quando encontrei a Suzana, ela veio de novo com aquela enxurrada de perguntas. Queria saber se a gente tinha ensaiado, que música a gente tinha tocado, se a gente compunha alguma coisa. Mais uma vez tentei explicar que a gente não fazia ensaios, mas reuniões. Ela ficou me olhando com uma cara esquisita, acho que ainda não foi dessa vez que ela entendeu.

Na outra reunião, o Murilo apresentou uma ideia para uma letra de música. Discutimos bastante, e decidimos

que aquela letra não combinaria com o estilo da banda. Falaria de amor de uma forma melosa, insistente, muito puxada para o brega. Eu argumentei, e acho que todos concordaram, que poderíamos até falar de amor, mas de uma forma que deixasse claro que não acreditávamos nele. O amor só combinaria com o nosso estilo se fosse irônico. Amor sincero era coisa para um roque vulgar, fajuto, decididamente ultrapassado. Lucas disse que não entendeu, provocando o riso geral. Estamos acostumados com o Lucas, ele nunca entende nada que a gente fala. Aliás, ele mesmo já está percebendo isso, e está parando de ir às reuniões.

Mas a história de amor irônico me deixou empolgado e cheguei até a comentar com a Suzana. Falei que a gente estava avançando bastante, a gente já estava a ponto de definir um conceito que ia nortear a criação das letras. Ela perguntou: "Mas como era a letra, afinal?" E foi aí que eu enxerguei que não adiantava falar aquelas coisas com ela. A Suzana não sabia o que era um conceito, não entendia a importância de debater, deixar as definições bem claras, traçar os limites virtuais que iam delimitar o padrão estético da banda. Ela nem devia saber o que era assessoria de imprensa. E nem valia a pena explicar.

Fui parando de conversar com a Suzana, fomos ficando cada vez mais distantes. Até que um dia aconteceu uma coisa engraçada. O Rafael levou a namorada dele e ela fez exatamente as mesmas perguntas que a Suzana. Queria saber onde estava a guitarra, quem tocava o quê, etc. A gente ficou só se olhando e rindo por dentro, pensando que namora-

da é tudo igual. Lembrei a Suzana com certa ternura e pensei até em compor uma música para ela. Seria uma sequência a princípio meio tensa, com acordes de quinta aumentada, levantando certo suspense. Depois a quinta iria para a sétima, dando um clima mais suave, lembrando vagamente uma canção de amor, mas um amor complexo, com muita dúvida e indecisão. E talvez a música terminasse assim, num clima de coisa inacabada, que ainda vai se definir; mas eu também podia encaixar tudo na dominante e passar uma ideia de final feliz. Essa última parte eu podia decidir com a banda, na próxima reunião. Fiz rapidamente um esboço e fui correndo ligar para a Suzana. Foi ingenuidade minha. Ela ficou pedindo: "Canta um pedaço, canta um pedaço para mim." Eu perguntei: "Você não entende? Eu estou criando o conceito que vai nortear a sequência de acordes." Acho que ela ficou meio nervosa, porque respondeu num tom quase uma oitava acima: "Tudo bem, eu vou confessar. Eu não entendo nada do que você fala sobre música!" Eu já sabia que ela não entendia, mas ouvir isso dela, naquele tom, foi uma experiência chocante. Eu tinha achado que, um dia, de alguma forma súbita e misteriosa, ela acabaria me compreendendo. Agora vejo que isso era ilusão; era um sonho infantil, simplório como uma canção de amor.

Por isso tenho pensado em terminar. Não tem sentido passar a vida com uma pessoa que não entende meus conceitos. Só que eu não quero tomar essa decisão sozinho. O pessoal da banda certamente passa pelo mesmo problema. A gente viu isso claramente quando a namorada do Rafael

esteve lá. Quero discutir essa questão com eles, temos que encontrar uma linha clara: se vamos ter namoradas, se não vamos; e, se tivermos namoradas, vamos falar da banda para elas? Esse é um tema importante, sinto que ele vai ocupar várias reuniões. Mal posso esperar.

ULISSES EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

causo histórico da literatura. Virou lenda. Foi descrito de várias maneiras algumas aumentadas pela imaginação dos circunparticipantes. A verdadeira? Talvez tenha se perdido no tempo. O fato é que aconteceu o encontro de dois monstros sagrados — James Joyce e Marcel Proust. Teve data, motivo e lugar — 18 de maio de 1922, jantar no Ritz, Paris, depois da estreia de Le *Menard*, de Stravinsky. Os anfitriões convidaram Joyce e Proust para o que se imaginava ser pura pororoca — o encontro das águas caudalosas e coleantes de Proust com as margens nunca plácidas de Joyce.

Joyce foi de roupa de briga, Proust fez uma entrada triunfal vestindo um elegantérrimo casaco de pele.

Depois de apresentados, eles conversaram.

Joyce: — E aí, tudo bem?

Proust: — Meu estômago está me matando. Não devia ter saído de casa. Bem que mamãe falou. Ela me cuida como se eu tivesse quatro anos. Nem sabe que ainda não passei dos três.

Joyce: — Já tomou Lacto Purga? Proust: — Já, não adiantou. E esse ar está irrespirável.

Joyce: — É, deviam limpar o ar com um detergente forte.

Proust: — Ó, céus! Eu morreria! E com você, tudo bem?

Joyce: — Meus olhos é que me torturam. Ontem chamei minha mulher assobiando. Pensei que era o Dogui-

Proust: — Quem sabe não seria? As mulheres se disfarçam muito bem.

Joyce: — Ah, ouvi falar que no Brasil vai acontecer um evento artístico...

Proust: — Brasil? Brésil? Brazil? Onde fica? Artístico quer dizer circense?

Joyce: — Eles vão chamar de Semana de Arte Moderna.

Proust: — Acho que estão certos. Arte que dura mais que uma semana — fede.

Joyce: — (rindo) Verdade. Pra mim durou um dia — 16 de junho.

Proust: — Que frio! Se ligarem o ar-condicionado, eu morro!

Joyce: — Acho que nem inventaram ainda. Assim como não inventaram cirurgia de miopia. Como sofro!

Proust: — Essa comida é intragável. Amanhã estarei imprestável. Mamãe vai me dar óleo de rícino.

Joyce: — Eu não posso me queixar — pobre come de tudo. Nem vejo o que como! É uma piada!

Proust: — Olhe que ridículo aquele vestido! Ela parece um escovão virado de ponta-cabeça. O chapéu combina muito bem com o abajur lá do canto. Ó, céus!

garçonete ali — dava um bom caldo. Proust: — Será que vai chover amanhã?

Joyce: — Acho que não.

Proust: — Tenho que ir. Mamãe fica perturbada se chego depois das

Joyce: — Vou tomar mais umas. Meu sangue ainda não está bem temperado. (Admirando-se) Marcel Proust, você deu mais que 200% acima da gorieta oficial?! Com esse dinheiro poderia comprar todos os meus drinques por dez anos!

Proust: — Bondade sua, Joyce! Muito prazer em conhecê-lo. Um dia, se eu melhorar, vamos nos rever. Quero te mostrar minha coleção de gibis. Au revoir!

Joyce: — Se tiver um bom vinho francês na jogada... Santé! Au revoir!

Saindo dali, Proust pensou: Podemos conversar a vida inteira, sem fazermos mais do que repetir a vacuidade de um minuto.

Joyce, de olho na garçonete, divagou lá pelo futuro: the veripatetic image of the impossible Gracehoper on this odderkop in the myre, after his thrice ephemeral journeeys, sans mantis ne shooshooe, featherweighed animule, actually and presumptuably sinctifying cohronic's despair...

Os dois nunca mais se encontra-Joyce: — Em compensação, aquela ram. Proust morreu em dezembro daquele fatídico 1922, de gripe/bronquite/pneumonia. Joyce aguentou até 1941. Tinha uma soma cruel de males físicos, mas o fígado permaneceu normal até o fim, segundo o anatomopatologista.

por Rui Werneck de Capistrano

não entre em pânico o defenestrando ainda não morreu. voltáremos em algumas semanas com mais.

ARTE DE DESCASCAR MANDIOCA

Hoje vou para as panelas. Com esta determinação juntei alhos com bugalhos disposta a cuidar das palavras... Oooops, digo, cuidar das panelas. Por onde começar? As batatas, claro, as batatas. - Quem pegou minha faquinha de descascar batatas? Achei. Estava ali, quase no seu lugar de sempre, mas o que não estava no seu lugar de sempre eram as batatas. Desanimei. Sem batatas não consigo fazer quase nada. Ou seria melhor voltar para o teclado e cuidar das palavras? Já vi que panelas gostam pouco de mim.

Din don ... Din don ... Din don...

- Quem será?
- A senhora quer mandiocas?
- Eu quero batatas.
- Mas ninguém vende batatas descascadas e estas mandiocas eu as descasco na hora, se a senhora quiser...

O moço falou a palavra mágica: descascada. A mandioca já vem descascada. Está na hora de aprender coisas novas, pensei. Imediatamente troquei a intenção de descascar batatas pelas mandiocas prontas para a panela. O mundo conspirava a favor das mandiocas e não seria eu quem iria teimar em mudar o fluxo do dia.

O moço sentou no murinho que dialoga com as margaridas miúdas. Pegou uma faca e eu dei dois passos atrás. Envergonhada com meu medo inconsequente, recuperei os dois passos, chegando mais próxima para não perder gesto nenhum da lição de descascar mandiocas. Com dois lances precisos de faca, o moço cortou os extremos da primeira, da segunda, da terceira e assim por diante, de todas as mandiocas. Depois desenhou com a ponta da faca uma perfeita espiral ao longo do corpo da mandioca,

por Gloria Kirinus



João Paulo Melo Técnica: Lápis de cor

como se fosse tatuagem moderna.

Aproximei a mangueira que estava atrás de mim, obedecendo ao movimento de cabeça indicativo do rapaz. A faca também ajudava a indicar imperativamente que era hora do banho. Embaixo da água fresca, uma a uma, as mandiocas soltavam sua rugosa pele cor de terra, facilmente. No chão, uma pirâmide de serpentinas inusitada parecia ganhar movimento, enquanto branquíssimas, as mandiocas pediam sua primeira fervura.

Sim, primeira fervura, porque segui a recomendação do vendedor de mandiocas a riscas: depois da primeira fervura troque a água. Na segunda fervura acrescente sal. Adeus batatas, mil desculpas pela falta de vocês na minha mesa. Sei, eu bem sei que a família anda reclamando - só se come mandioca nesta casa! Sim, só se come mandioca nesta casa, mas eu sou boa aluna e preciso praticar a nova lição aprendida! Vai que eu esqueça o desenho de espirais nas mandiocas? Vai que me esqueça de dar o devido banho nelas? E a troca de água após a primeira fervura? E o sal no momento oportuno? Muita coisa para minha cabeça!

Aprender é fascínio diário. Mas, neste caso, falta completar o prato e eu quero saber mais. Qual a melhor maneira de acompanhar um bom prato de mandioca fervida e refervida? Será carne, frango ou peixe? Ou talvez salada de pepino, rúcula ou alface? Acho que uma vez ouvi falar de "vaca atolada..."

Din don... Din don... Din don...
- Atendo ou não atendo? - Meu
Deus o que será que vem agora!

O MACACO

Não foi nada. Não passou de barulho. Nada. Foi o que sobrou dentro do armário de louças da cozinha. A partir do barulho nos vimos sem um prato, sem um copo, sem objetos quebráveis. Sem um objeto quebrável que não estivesse quebrado. Tudo se deu quando Thamara, no esplendor de seus quatro para cinco anos, decidiu escalar o armário. Faltou combinar, faltou a aquiescência do gigante de aço que mostrou sua discordância jogando-se por cima de minha filha. A sorte foi o tamanho, ou melhor, o tamanho da sorte foi a pequena estatura da menina. O armário não alcançou seu objetivo, interrompido pela pia da cozinha. Agachada sob o vão que se formou com o armário, Thamara, levemente assustada.

Não foi nada. Foi. Foi sim. Foi barulho. Barulho sim, mas sem grito.

- O que você queria?
- Subir
- Pra quê?
- Pra chegar lá em cima.
- E depois.
- Descer
- Por que não me chamou? Eu levantaria você.
- Eu sabia, mas queria fazer diferente. Não sabia que o negócio ia desabar. E agora?
 - Agora o quê?
 - Onde eu vou comer minha comida

e beber meu suco?

- Vamos sair e comprar algumas coisas.
- Antes deixa eu contar o sonho que sonhei essa noite. Sei que você não gosta que lhe contem sonhos, mas desse você vai gostar. Posso? Foi assim: você era um macaco.
- Eu?
- Sim.
- Então foi esse sonho que motivou a escalada do armário da cozinha, entendi. Eu um macaco, e você?
- Eu era a dona do macaco. O macaco era bonzinho, andava solto pelo apartamento, um dia minha mãe foi levar o lixo e o macaco, você, fugiu. Fiquei muito triste, pois todos os dias eu levava meu macaco à praia.
 - -Você não foi mais à praia, é isso?
 - -Só por que o macaco tinha sumido?
- -Mas o macaco era eu, quer dizer que se eu sumir agora você vai continuar numa boa?
- Cara, eu estou contando um sonho, um sonho com um macaco, que no sonho era você, é diferente.
- Minha cabeça estava no corpo do macaco, como eu era, quer dizer como era esse macaco?
- Pai, que vergonha! Você não consegue se imaginar como macaco? Escolhe o macaco que você quiser. Posso contar o sonho?

Daí o tempo passou, eu continuava fazendo sempre as mesmas coisas,

até que um dia...um dia...eu estava tomando banho e me dei conta que é muito chato fazer sempre as mesmas coisas. Foi por isso que ele foi embora. Dei um grito no banheiro, alto, tão alto, que minha mãe veio ver o que tinha acontecido.

- Aí você passou a fazer tudo diferente, deixou de ir à praia.
- -Tá maluco? Continuei indo à praia, mas ia por ruas diferentes, um dia ficava ali em frente a Figueiredo, no outro ia para o posto seis, de vez em quando Leme.
 - E quem levava você?
- Eu ia sozinha.
- Com esse tamanho.
- Era um sonho, cara, era um sonho.
- E o macaco? Quem era seu pai?
- Meu pai era meu pai, mas ele não aparecia no sonho.
 - E o macaco?
- -Tá preocupado com o macaco ou com você macaco? Egoísta.
- Termina essa história, precisamos sair para comprar uns pratos, uns copos. E aí...
- Aí eu acordei, cara, não sei se o macaco voltou. Será que o sonho volta de onde parou?
 - Muito sem graça.
- Cara, eu estava contando um sonho, vai dizer que seus sonhos sempre têm fim, duvido. Eu acordei e fiquei pensando... pensando e descobri porque os sonhos nunca têm fim. Não

vai perguntar por quê?

- Por quê?
- Por que a gente não deixa. A gente não gosta do fim das histórias. Quer ver? Eu sei que você vai morrer primeiro que eu, velhinho... bem velhinho, mas eu não vou ver você morto, não vou querer saber de velório, enterro, você é o meu macaco, um dia, você foge.

por Luíz Horácio



www.dicesaradvogados.com.br

Avenida Iguaçu, 2947, sala 74 Água Verde , Curitiba - PR

(41) 3082-1470

Rua Coronel Joaquim Palhano, 184, salas (41) 3242-1554 1/2/3/4 - Centro, Araucária - PR

VIEIRA OSTROWSKI E A POÉTICA DA COLOQUIA

A poesia brasileira atual às vezes parece estar tão incógnita que fica difícil separar bons e maus poetas. O leitor de poesia é, antes de mais nada, assim como o próprio poeta, um sobrevivente, um resistente, um revolucionário. Quem, além dos diletos leitores do nosso bravo periódico e meia dúzia de acadêmicos, lê poesia hoje? Imagino que não haja muitas respostas possíveis. Nem é preciso.

Há uma boa e consistente safra de poetas curitibanos atuais. Curitiba não é mais a retrógrada, reacionária e carola capital de um simbolismo tardio e capenga que perdurou graças à meia dúzia de poetas bairristas de igreja. As fronteiras se abriram e o terreno literário local se expandiu. Tanto que escritores de outras cidades e estados vivem em Curitiba, como Cristóvão Tezza, Roberto Gomes, José Castello e Décio Pignatari (morto em dezembro do ano passado) que viveu em Curitiba desde 1999.

Renato Vieira Ostrowsky, carioca, atualmente vive em Campo Magro. Engenheiro civil de formação, é na poesia que se encontra e desencontra consigo próprio todos os dias. Publicou em 2012 seu primeiro e tardio livro, *Opaca Transparência* (Editora Kairós, 122 p.).

Opaca Transparência é dividido em seções organizadas com alguma aproximação temática ou estrutural entre os poemas. A poesia de Ostrowsky é bastante clara, direta, quase cristalina, flerta com o óbvio de um cotidiano aparentemente banal, mas o faz com pleno domínio da forma e técnica poética. Passeia por terrenos mais formais, com versos mais rigorosos, rimados, e também por formas bastante livres, praticamente devaneios filosóficos ou aforismos inseridos em um formato versificado.

Outro fator positivo são as constantes referências ao próprio fazer poético, assumindo a metalinguagem como objeto de reflexão e labor. O flerte com a poesia concreta é explorado com responsabilidade, não tornando o livro como um todo uma coletânea de poesia concreta, mas cria diálogos atemporais com o concretismo. Há vários exemplos de fortes e bem sucedidos apelos visuais, como nos poemas Obtuso dicionário e Espigão. Este último, apesar de ter uma forma já usada pelos irmãos Campos com frequência (cada verso apresenta uma única palavra. Os irmãos Campos denominavam essa forma de poema de poema claustrofóbico), Ostrowsky nos brinda com um poema bem construído e original.

O autor deixa um pouco a desejar em alguns poucos poemas em que se refere ao fazer poético como um dom quase divino e em alguns casos beira a carolice ao modo de Helena Kolody, como nos poemas *Simplicidade* e *Vida Viva*. Mas *Opaca Transparência* apresenta mais pontos positivos do que negativos.

Como um todo é um belo livro com poemas fortes. Ostrowsky geralmen-

te acerta de primeira nos títulos dos poemas, como no belo *Terno de vidro sem gravata e licença poética*, no qual Ostrowsky escreve: "Vesti meu terno de vidro/exerci minha opaca transparência/me apaixonei pela vida/bradei meu grito de independência". Por que opaca? Para os outros? Para si próprio? E essa independência só é alcançada com a poesia.

Renato Vieira Ostrowsky é um criador de imagens, de metáforas e um habilidoso poeta que apresenta diversas faces poéticas desde versos rimados e mais tradicionais a formas mais livres e despojadas com elementos da coloquialidade. É um belo livro de estreia que só um poeta experiente poderia produzir.

por Daniel Osiecki

já colocou a barriga da mão debaixo da lã da minha blusa já uma vez sentiu palpitar a gaiola ouviu gemer, ranger os dentes a pequena semente que mora em mim se é semente ou caroço, enfim jogou um dia desses pra longe, por cima da gola é que a tua frieza recusa e aperta o que nasce pra dentro do chão

Teu sorriso de canto de olho nem chega na boca Tua voz quente sussurra e nem treme ar em volta O calor do teu corpo não esquenta nem o próprio oco



Guilherme Dorigo Capriglioni Técnica: Nanquim

por Fernanda Benini



